

# Sarney <sup>- discurso</sup> prefere a arte à política na Bienal

São Paulo — Em seu discurso de inauguração da 18ª Bienal de São Paulo, ontem, o presidente José Sarney, que se recusou a falar em política, destacou que a arte é "patrimônio comum dos povos. Ela tem a destinação da fraterna união entre as nações, logrando por vezes maior intercâmbio do que outras tentativas formais de aproximação".

Sarney, segundo o presidente da Fundação Bienal, Roberto Muylaert, ficou bastante impressionado com o nível da produção artística contemporânea, especialmente com os artistas brasileiros, e manifestou o desejo de voltar à exposição, para vê-la com mais calma, mesmo sabendo que isso seria praticamente impossível. Segundo Muylaert, dos 700 que expõem na Bienal, de 46 países, com um total de 2.440 obras, 300 são brasileiros.

A inauguração da 18ª Bienal Internacional de São Paulo começou pontualmente às 16 horas, com um concerto da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, que executou uma obra de Eric Satie. A apresentação contou com a participação de Patrício Bisso, de Ignácio de Loyola Brandão, escritor, da atriz e escritora Bruna Lombardi e do pintor Roberto Aguiar, que pintava um mural durante a apresentação. O andar térreo do pavilhão do Ibirapuera estava lotado e as vias de acesso ao parque congestionadas.

O presidente José Sarney chegou às 16 e 30, acompanhado de Roberto Muylaert, do governador Franco Montoro, e dos ministros da Cultura, Aluisio Pimenta, Planejamento, João Sayad, Relações Exteriores, Olavo Setúbal, Trabalho, Almir Pazzianotto, Aeronáutica, Otávio Moreira Lima, chefe do Gabinete Militar, Rubem Bayma Denny e do chefe do Estado Maior das Forças Armadas, José Maria do Amaral.

No segundo andar, no início da visita à exposição, sem se deter muito, o presidente José Sarney percorreu a chamada "grande tela", três corredores de cem metros, reunindo uma espécie de panorama de pintura contemporânea. Ainda no mesmo piso visitou várias instalações, como o espaço dos grafiteiros brasileiros e do grupo Syntese de Música eletro-eletrônica comandado pelo compositor Conrado Silva. No 3º andar, sempre muito rapidamente, visitou a exposição "Expressionismo no Brasil", ficando mais tempo no espaço "Turista Aprendiz", o mesmo do livro de Mário de Andrade sobre suas pesquisas no norte do País. Depois, sempre acompanhado por um séquito de seguranças, autoridades e jornalistas, tomou o elevador que o deixou no Ibirapuera e aí se dirigiu para o Palácio dos Bandeirantes.



Sarney, ao inaugurar a Bienal, destacou o papel da arte na integração entre os povos

## Saída estratégica para evitar imprensa

Rio — Pela primeira vez desde a posse, o presidente José Sarney utilizou um estratagemas para despistar a imprensa. Depois de discursar na IV Convenção Nacional da Adesg, no Hotel Nacional, ele entrou no automóvel — tinha chegado de ônibus — que saiu em disparada. A surpresa fez com que os repórteres nem tivessem tempo de sair em perseguição a Sarney, que estava acompanhado do ministro-chefe do Gabinete Militar, Rubens Denny, e de um ajudante de ordens.

O programa previa que Sarney almoçaria no Hotel Nacional, juntamente com membros da Adesg e da comitiva presidencial, entre eles os ministros Olavo Setúbal, das Relações Exteriores, Aluisio Pimenta, da Cultura, José Maria do Amaral, do EMFA, Henrique Sabóia, da Marinha, e alguns políticos fluminenses e paulistas.

Mas a saída de Sarney no automóvel levou os repórteres a pensarem que ele havia ido almoçar com um amigo. Na realidade, como confidenciou mais tarde o presidente da Adesg, Geraldo Halfeld, o automóvel de Sarney deu uma volta por São Conrado e entrou pelos fundos no Hotel Nacional. Sarney, Denny e Setúbal, almoçaram tranquilamente

na suíte presidencial no vigésimo-sexto andar, livres do assédio dos jornalistas, que o imaginavam longe dali.

O presidente chegou ao Hotel Nacional exatamente às 12 horas, quando a banda do Batalhão de Guardas executava música "Lili Marlene", celebrizada na voz de Marlene Dietrich. Ele saltou do ônibus acompanhado do governador Leonel Brizola e se encaminhou imediatamente para o auditório, onde foi intensamente aplaudido. Depois da execução do Hino Nacional, discursaram Sarney e o presidente da Adesg, Geraldo Halfeld.

Sarney assinou dois exemplares do livro preparado pela Adesg, "Ciência e Tecnologia, Aquisição-Geração-utilização" e os entregou à neta de Halfeld, Alessandra. Em seguida, entregou diplomas aos conferencistas do ciclo de estudos

A saída de Sarney do local foi caótica. Um batalhão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, empurrava e era empurrado pelos agentes de segurança, que procuravam abrir o caminho. O candidato do PMDB à prefeitura, Jorge Leite, não perdeu tempo e postou-se ao lado do presidente durante o trajeto, enquanto espocavam os flashes.

## Euclides evita o presidente

Rio — Conforme havia antecipado, o general Euclides Figueiredo, comandante da Escola Superior de Guerra (ESG) e irmão do ex-presidente Figueiredo não foi ao lançamento do livro da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (Adesg), ontem no Hotel Nacional, apesar de ser presidente de honra da entidade e prefaciador da obra, intitulada "Ciência e Tecnologia, Aquisição-Geração-Utilização".

O presidente José Sarney fez uma escala no Rio — menos de quatro horas — para ir à IV Convenção Nacional da Adesg e prestigiar o lançamento do livro, que reúne trabalhos apresentados durante um ciclo de conferências.

Curiosamente, além do prefácio, o livro inclui uma conferência feita pelo general Euclides em Curitiba em abril, que deu origem aos atritos entre ele e o Palácio do Planalto. Ao falar sobre ciência e tecnologia na conferência, o comandante da ESG

"Os comunistas agora dizem-se pacifistas e democratas, e defendem o pluralismo partidário. Onde ficaram a luta de classes, o partido único, a ditadura do proletariado e a tomada do poder pela luta armada? Até mesmo não falam em estatização dos meios de produção e dizem admitir a livre iniciativa".

## Brasil deve ser pensado

Rio — Foi a seguinte, na íntegra, o discurso do presidente Sarney, na IV Convenção Nacional da Adesg, no Hotel Nacional:

"Conhecer o Brasil para melhor servi-lo tem sido a tarefa dos diplomatas da Escola Superior de Guerra, princípio que norteia a sua associação.

Não se limitam, porém, à manutenção e ampliação dos conhecimentos adquiridos. Catequizam mediante os ciclos de estudos que a própria Adesg organiza, nos moldes de simplicidade e clareza do curso superior de guerra.

O serviço que prestam à comunidade nacional apela à consciência cívica para se se pense o Brasil e encontrem-se soluções para os seus problemas.

Tal esforço era reclamado pelas gerações que nos precederam. O conhecimento do Brasil, não apenas na sua configuração física tão diligentemente estudada por cientistas brasileiros e estrangeiros, mas, sobretudo, na sua fisionomia humana — moral, social e econômica — parecia-lhes indispensável à elaboração de um projeto nacional. E este orientaria e inspiraria a nossa gente no seu propósito constante de aprimorar as instituições civis e políticas e o sistema de relações entre indivíduos, grupos e regiões. E, afinal, nos permitiria aplicar o

trabalho comum de maneira a dele retirar os melhores resultados para toda a comunhão nacional.

Iniciamos, agora, um novo ciclo histórico que, entre outras características, abre a todos os brasileiros a participação na formulação e execução do planejamento estratégico, que já não é mais o privilegiado de uns poucos.

Para exercerem com efetivo proveito desse direito-dever, dispomos, hoje, de um extraordinário acervo de informações e dos meios de difundi-las. E, ainda, de instituições sociais e civis aptas a ordenar, sob a regra suprema de liberdade, o esforço comum dos brasileiros.

O entendimento do que é fundamental, do que concerne ao bem-comum, do que interessa às gerações presentes e futuras, há de sistematizar-se na Constituição que nós daremos a nós mesmos.

E sobre a base da verdade, da solidariedade e do entendimento que convoco a inteligência, a vontade e o patriotismo dos brasileiros que aqui se reúnem para que construamos o estado democrático, a sociedade aberta, pluralista e fraterna, que é exigência da consciência moral do nosso povo e a garantia da sua unidade."

Muito obrigado."

## Setor privado ganha destaque

São Paulo — Discurso do presidente Sarney, no Palácio Bandeirantes, na solenidade de entrega dos prêmios da Revista Exame.

"Na oportunidade em que uma das mais respeitáveis publicações econômicas do País homenageia as empresas de destaque nos principais setores produtivos do País, o presidente da República, em nome do governo, comparece para prestigiar o evento, prestigiando a livre iniciativa.

Venho para congratular-me com os empresários selecionados, cujos méritos foram aferidos pelo impiedoso e irrecorrível mecanismo de julgamento do mercado.

A indicação de uma empresa da área de informática como a melhor do ano tem para o País um significado especial. O sucesso neste setor demonstra o acerto do Congresso Nacional, ao aprovar quase por unanimidade a lei que atribuiu vantagens temporárias a uma área vital para sustentação do desenvolvimento tecnológico do País. A resposta do setor está sendo rápida e eficiente. Poderemos, assim, no prazo legal de 8 anos, implantar a competência nacional e enfrentar a concorrência internacional em condições equilibradas.

Reforço mais uma vez um traço constante ao longo de toda a minha vida política: a crença inabalável no papel da iniciativa privada na redenção econômica do País. E um ato de coerência política criar condições para a liberdade empresarial no País, conforme preconizado no programa da Aliança Democrática. O momento é de florescimento de um novo padrão de crescimento para a Nação, enterrando-se, juntamente com o autoritarismo, o arbítrio do governo na economia.

Na verdade, poucas vezes na nossa história tivemos oportunidade tão favorável à alteração da natureza do processo econômico brasileiro. Após décadas de crescimento conduzido pelo gasto público, o País tem de proceder ao ajustamento do setor público, eliminando a ineficiência e sua expansão avassaladora.

O setor privado, apesar de ter atravessado o período recessivo mais dramático da vida econômica do País, completou uma metamorfose, responsável pela recuperação da solvabilidade internacional: voltou-se para a exportação, reduziu drasticamente o conteúdo importado de uma produção e diminuiu rapidamente a relação dívida recursos, próprios de suas empresas. Mesmo atribuindo-se o crédito ao setor público pelo sucesso na redução da nossa dependência através do petróleo importado, pode-se afirmar que a agilidade de resposta do setor privado foi a principal responsável pelos êxitos alcançados nos saldos comerciais.

Em consequência, no momento atual encontra-mo-nos com um setor privado bem estruturado, dispondo de ociosidade em diversos segmentos e limitado no seu crescimento apenas pelos excessivos níveis dos juros reais domésticos e pela ameaça do gigantismo estatal.

Por outro lado, o setor público está tendo que abrir mão de investimentos prioritários em suas empresas estatais por falta de recursos. Cria-se assim uma feliz convergência entre a pressão doutrinária por mais liberdade empresarial e a realidade econômica, a indicar o caminho da privatização. Deixar passar esta oportunidade significaria amargar mais para a frente a desarticulação do sistema econômico, nas bases em

que hoje o concebemos.

O neologismo desestatização — comprometido por uma série de hesitações, fracassos e, principalmente, frustrações — já não tem força para designar o projeto em que o governo se empenha.

E um novo conceito o que hoje venho aqui trazer. A privatização da economia brasileira deve ir mais além da mera venda de ativos do setor público. Ela deve ser compreendida como uma nova postura, na qual a liderança do processo de desenvolvimento econômico passa a ser exercida por um setor privado desvinculado das peias do estatismo.

Todo o governo deve estar engajado neste processo. Ele compreenderá 3 áreas de atuação:

— Criação de condições de desenvolvimento das pequenas e médias empresas, entendida não como mais um programa paternalista, com juros subsidiados e assistencialismo técnico que só faz viciar o empresário nas benesses governamentais. O objetivo é o de proporcionar condições de crescimento ao cidadão com ambições empresariais. Estimular sua criatividade, sem transformá-lo no marginal que tem de evadir-se a uma legislação incompatível com o nível de sua operação. Fazer emergir a economia submersa, reconhecer as virtudes do lucro justo, democratizar o acesso ao mercado, eis as diretrizes desta ação:

— Redução da regulamentação econômica sobre a atividade privada, enganando o Brasil num movimento internacional que vem colhendo resultados inquestionáveis. Ao contrário do aplicável à censura "é proibido proibir", aqui dir-se-á "é proibido autorizar". Temos que romper nossa tradição cartorial,

pela qual a herança das corporações de ofício medievais nos impingem os conhecimentos legais. Toda a regulamentação governamental de um setor, no seu nascedouro, emana do conceito de proteção ao consumidor. Entretanto, evolui rapidamente para a legitimação de um cartel, que passa a ser o principal (senão o único) defensor da manutenção da intervenção pública no setor.

— Diminuição do número de empresas públicas, quer pela eliminação das desnecessárias, quer por transferências ao setor privado: neste esforço, vamo-nos valer de práticas consagradas no mercado para efetivar as transferências, sem jamais deixar margem de dúvida quanto à primazia da defesa do interesse coletivo no processo de negociação. Não esperem que venhamos a perder o comando sobre empresas vinculadas ao interesse nacional, mas tenham a certeza de que nos nossos planos incluir-se-ão empresas de porte bem mais significativo do que a do bondinho do Corcovado.

Temos pressa, senhores. O momento é de reduzir a participação governamental na economia para concentrá-la no combate à miséria e na eliminação das disparidades regionais. Zelar pela nossa soberania sem a xenofobia. Ousar romper as cadeias do imobilismo para construirmos uma sociedade mais livre. Este o nosso desafio, esta a batalha para a qual os senhores estão compulsoriamente recrutados.

Congratulo-me com os vencedores deste prêmio, que consagra empresários que tem sua vida dedicada ao desenvolvimento e progresso do País. Muito obrigado."